



METODOLOGIAS DIÁLOGICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES : A RESPONSABILIDADE DOCENTE¹

Elizabeth Orofino Lucio

Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará

orofinolucio@ufpa.br

Resumo: Situando-se entre estudos do campo da Educação e da Filosofia Linguístico-Discursiva, este artigo discute a *responsividade* do professor universitário e da escola básica nas práticas de leitura e escrita em dois *temposespaços*: formação continuada e trabalho docente com alunos de camadas populares dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Apoiando-se principalmente no pensamento de Mikhail Bakhtin entre outros, calca-se no pressuposto do dialogismo da teoria enunciativa bakhtiniana e nos princípios que este encerra, como: a *heterologia* constitutiva dos sujeitos e dos discursos e a *responsividade* responsável. Desse modo, defendo que a dissimetria e a flutuação das posições discursivas estejam no centro das preocupações da formação continuada docente, em que cada integrante é concebido como autor da formação. Desenvolvo algumas proposições para a formação continuada dos docentes de leitura e escrita, organizadas em metodologias dialógicas de formação docente que consolida uma contra-palavra ao viés gerencialista e reformista na educação e na formação.

Palavras-Chave: Formação continuada docente. Alfabetização. Responsividade Docente.

Introdução

No contexto brasileiro, a universalização do direito à educação básica e a abertura das portas da universidade para grupos historicamente dela excluídos trouxeram aos professores novos desafios, principalmente o de aprender a conviver com as línguas e dialetos das classes populares, valorizando a diversidade cultural e buscando novas maneiras de trabalhar com a linguagem em sala de aula. Essa abertura tem gerado muitas tensões e provocado novos discursos também no mundo acadêmico, resultantes de diversas formas de posicionamento dos atores desse contexto. Este artigo traz reflexões a partir de alguns eventos da pesquisa-formação As (im)possíveis alfabetizações de alunos de classes populares pela visão de docentes na escola pública que tem como um de seus desdobramentos um espaço de formação continuada docente, intitulado EPELLE - Encontros de Professores de Estudos sobre o Letramento, Leitura e Escrita - de que participam docentes com níveis distintos de formação e que atuam em

¹ Professora da Cadeira de Teoria e Prática da Alfabetização do curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens do Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará. O presente artigo integra o trabalho de tese intitulado "A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita".



diferentes instâncias do ensino público carioca. Apostamos num movimento heterológico de processos, no sentido de que, pelo olhar do pesquisador na escola com professor, haja novas possibilidades de dialogias entre os atores da escola e uma nova metodologia dialógica de formação docente que consolida uma contra-palavra ao viés gerencialista e reformista na educação e na formação. Dessa forma, a autora desenvolve algumas proposições para a formação continuada dos docentes de leitura e escrita.

As principais questões analisadas ao longo deste trabalho estarão organizadas da seguinte forma: uma contextualização da pesquisa articuladamente com o elo políticas contemporâneas de educação e formação continuada de professores alfabetizadores; seguindo-se algumas análises; e, num último momento, traremos algumas considerações finais que culminarão com a proposição das metodologias dialógicas de formação.

As políticas contemporâneas de formação continuada docente no contexto brasileiro

O cenário educacional brasileiro, principalmente a partir dos anos 2000, vem consolidando programas de formação de professores, notadamente no campo da formação de docentes de leitura e escrita dos anos iniciais do ensino fundamental. A complexidade do debate sobre formação continuada de professores no âmbito da universidade pública apresenta-se como fundamental nesse contexto histórico, tendo como marcos a criação da *Rede Nacional de Formação Continuada de Professores da Educação Básica*, do *Observatório da Educação* e da *Nova Capes*.

A iniciativa do Ministério da Educação instituiu por meio do edital público N° 01/2003 – SEIF/MEC, o desafio de unir pesquisa e extensão, reestabelecendo para as universidades brasileiras o papel de formadora de professores. Dessa forma, a formação continuada docente, sob a responsabilidade pedagógica das universidades que se integraram à *Rede Nacional de Formação Continuada de Professores*, estabeleceu-se, instaurando novas competências para as universidades, como a ação de formação de formadores de professores, denominados tutores ou orientadores de estudos, e a produção de material didático destinado aos docentes do ensino básico, principalmente dos anos iniciais em que ocorre o ensino/aprendizagem da leitura e da escrita.



Estabelece-se, assim, por meio dessa proposta, não apenas mais uma iniciativa voltada para a “capacitação” de professores, mas uma nova perspectiva de formação a ser pensada pelas universidades que segue as características de um modelo ‘em cascata’, no qual um primeiro grupo de profissionais é ‘capacitado’ e transforma-se em ‘capacitador’ de um novo grupo que por sua vez capacita um grupo seguinte.” (GATTI & BARRETO, 2009, p.202). Estabelece-se também a inserção de novos atores sociais na formação docente, os formadores intermediários que possuem seus lócus de trabalho nas instâncias municipais de educação, pois no Brasil grande parte do gerenciamento da educação básica é responsabilidade dos municípios, e uma nova perspectiva de formação a ser pensada pelas universidades.

Ratificam-se os problemas e desafios registrados nas últimas reformas do campo da formação de professores, a articulação entre os conhecimentos produzidos pela universidade a respeito do ensino, especificamente no caso desse estudo, a área de ensino inicial da leitura e da escrita, e os *saberes* desenvolvidos pelos professores em sua prática cotidiana.

Encontros folheados à flor da pele docente

A desnaturalização da padronização da formação docente, impulsionada pelas Reformas Educacionais, é fruto de uma opção epistemológico-política e harmoniza-se com *um conhecimento prudente para uma vida decente*, como ressalta o sociólogo Boaventura de Souza Santos (2004), mostrando-nos que é fundante a necessidade de ‘desfazer’ a naturalização da ciência e do poder.

Particularmente neste estudo, pormenorizando a “deserarquia” entre a produção de saberes por docentes da escola básica e docentes universitários, opto por analisar a formação criada e vivenciada pelo LEDUC nos Encontros de Estudos de Letramento, Leitura e Escrita (EPELLE), fazendo da escrita docente um *ato* de valorização docente e de defesa da academia como a impulsionadora por excelência do *logos* da formação.

Os *Encontros* EPELLEs foram o desdobramento da pesquisa *mater* e iniciaram-se no dia 2 de fevereiro do ano de 2011, com um constructo a ser fundamentalmente criado com os docentes, sem um modelo prescrito de funcionamento, com a potencialidade do diálogo face a face e a visão de que o *agir* e o *existir* humano na e da formação e a certeza de que “a linguagem (e os seus discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre



subjetividades) no intercâmbio verbal, ou seja, as situações concretas de exercício da linguagem” (SOBRAL, 2009, p.32).

Tomar os *Encontros-EPELLE* como eventos dialógicos de pesquisa é reforçar a dimensão coletiva e colegiada da docência, é provocar a existência de novos sentidos para a ideia de coletivo profissional, inscrevendo e escrevendo sobre as rotinas de funcionamento dos Encontros, seus modos de decisão e estratégias pedagógicas formativas que apelaram à corresponsabilização e à partilha entre docentes da escola básica, docentes universitários, mestrandos, doutorandos, estudantes de graduação, bolsistas de iniciação científica e à partilha entre pares.

Na pesquisa-formação e na concepção de formação enquanto *Encontro*, “a matéria são as ‘pedras vivas’, as pessoas, porque neste campo os verbos conjugam-se nas suas formas transitivas e pronominais: formar é sempre formar-se” (NÓVOA, 2012, p. 9). Lições aprendidas com a pesquisa-formação e os *Encontros* levam-nos a afirmar ser necessário e urgente fazer *Encontros* em que os docentes possam falar, mais do que trocar, compartilhar, pois considero que “não há educação possível sem passar pela linguagem – ela perpassa toda a vida social e nós humanos somos sujeitos falantes e não objetos inertes”(GERALDI & GERALDI, 2012).

Gestando o novo: metodologias didáticas dialógicas de formação docente na perspectiva bakhtiniana

Reporto-me ao que diz Bakhtin sobre *Encontro como momento supremo da compreensão* para esclarecer que diversos cursos de formação continuada propõem aos docentes leituras teóricas, leituras literárias, informações, oficinas pedagógicas, atividades de escritas, mas nem sempre ocorre o conhecimento sobre os princípios e concepções que orientam o fazer das estratégias formativas.

Partindo da premissa que a formação é um espaço de emancipação “porque a única coisa que se aprende é a própria potência: que se pode ler por si mesmo, escrever por si mesmo, pensar por si mesmo” (LAROSSA, 2015, p. 154), tomo a *experiência* dos Encontros para realizar um reencontro do que apreendemos, pensamos e vivemos em forma de palavras, sabendo sempre que a formação se faz “na compreensão crítica e não estreita ou ingênua de cada prática específica, no quadro geral da prática social de que participam. E a compreensão crítica, seja da prática específica, seja da prática social, demanda a formação política(...)” (FREIRE, 1978, p. 53).



A concepção de formação enquanto Encontro é fundadora de discursividade e implica abrir mão de uma formação centrada na aplicabilidade do aprendido pela valorização da troca de *experiências*, pela elaboração dos processos de ensino e estratégias de formação, é ter a consciência que os sujeitos alteram concepções e lógicas e pressupostos de ensino e aprendizagem.

A concepção *formar folhear* emerge da formação docente na perspectiva discursiva bakhtiniana, assim como a formação docente enquanto *Encontro*. Dessa forma, a ancoragem na concepção dialógica da linguagem permite uma relação intrínseca entre língua e sujeito, sustentando a afirmação de que o sujeito se constitui na sua relação com outros por meio da linguagem, ou seja, tudo que é dito/escrito remete a um outro indivíduo e sua existência se dá por meio da linguagem.

Bakhtinianamente, não se faz uma separação rigorosa entre oral e escrito, a oralidade não é vista como um domínio à parte da escrita. Na dinâmica dos *sentidos*, a oralidade e a escrita, a voz e a letra são unificadas, sendo a escrita a transcrição de vozes codificadas, pois o discurso oral é construtor do *sentido* de nossas enunciações. A escrita é privilegiada como um processo discursivo e não como produto.

A escrita encarnada (LARROSA, 2014, p. 113) docente é o dispositivo de formação (CANÁRIO, 2008, p. 141) que contribui para pensar a formação como problema a resolver, compreendendo os formadores-docentes da escola básica e universitários como formadores de *sentido*, e as produções escritas como *textosexperiências* que formalizam e sistematizam os conhecimentos da formação.

Considerações finais: acabamentos inacabados

O acabamento do artigo dá-se em um contexto histórico de grande temores, conduzindo-nos à reflexão de que, mesmos nas piores circunstâncias, há esperança e que vale ser protagonista de grandes mudanças, pois, do espaço da universidade para as comunidades cariocas, o EPELLE multiplicou experiências humanas docentes, contribuindo para que os professores do ensino básico não sucumbissem ao apagamento, à alienação e à resignação. O Encontro semeou inquietações e trouxe "verdades" através de cada integrante que, durante quatro anos, semanalmente, exibiam sua inconformidade e rebeldia pedagógica por meio do ensino da leitura e da escrita das crianças de classe popular do Rio de Janeiro.



que resultam do presente estudo, lembrando sempre que princípios são proposições fundamentais para a formação continuada docente:

A formação é um Encontro e precisa ser construída de forma coletiva entre os docentes da escola básica e universitários.

Referências

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2010 [1992].

BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (org.): Bakhtin - outros conceitos-chave. SP: Contexto, 2006.

GERALDI, João Wanderley. Ancoragens: estudos bakhtinianos. SP: Pedro & João editores, 2010.
_____, João Wanderley. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010b.

GERALDI, Maria Grisolia ,GERALDI, João Wanderley. A domesticação dos agentes educativos: há alguma luz no fim do túnel. INTER-AÇÃO. Revista da Faculdade de Educação, UFG, v. 1, 1975 – Goiânia: FE/PPGE/UFG, 1975,v. 37, n. 1, jan./jun./2012.

SOBRAL, A. Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. SP: Mercado de Letras, 2009.